

Sereias de Abrolhos



Ópera aquática:
baleias-jubartes cantam
melodias complexas
no cortejo às parceiras

As baleias em geral emitem variadas seqüências de sons, que lembram cantos. Mas as únicas capazes de cantar mesmo são as baleias-jubartes, segundo o zoólogo Jacques Vielliard, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). “Seus sons compõem seqüências melódicas de 20 minutos, em média, quase uma sinfonia”, afirma o pesquisador, especialista em bioacústica. Entre julho e novembro de 2000, Vielliard e o biólogo Eduardo Arraut passaram dias em um pequeno barco no arquipélago de Abrolhos, litoral da Bahia, para gravar o canto das baleias-jubartes (*Megaptera novaeangliae*) – mamíferos marinhos de até 16 metros de comprimento e 50 toneladas, também co-

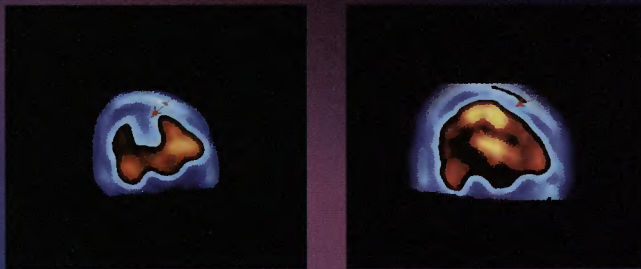
nhecidos como baleias-corcundas por causa da forma do dorso. As cinco horas de canto registradas são compostas por 20 ciclos de canções, com duração de 6 a 35 minutos cada. No período de reprodução, as jubartes migram das águas frias do Atlântico Sul, onde se alimentam de plâncton, pequenos peixes e crustáceos, para as águas quentes da costa brasileira, em especial Abrolhos. Chamadas de *baleines chanteuses* pelos franceses, as jubartes fazem cortejos longos e elaborados. Enquanto as fêmeas cuidam dos filhotes, os machos se isolam em grandes círculos, com quase 10 quilômetros de diâmetro. Com a cabeça mergulhada n’água e a cauda suspensa no ar, como se plantassem ba-

naneira, permanecem horas cantando na expectativa de seduzir uma parceira, a exemplo das mitológicas sereias. Na análise das gravações, publicada nos *Anais da Academia Brasileiras de Ciências*, Vielliard e Arraut identificaram cinco temas diferentes, compostos por frases de extensão variável e 24 notas distintas – de longas notas graves semelhantes a mugidos (*huuummmm*) às mais agudas (*fiiiiiii*) ou curtas (*táá-tá-tá-tá*). As populações de baleias-jubartes se distribuem ao redor do planeta, mas cada grupo tem um canto característico, uma espécie de dialeto – o canto dos outros grupos estudados é composto por 16 a 20 notas diferentes. “As jubartes da costa brasileira são

mais musicais: produzem maior variedade de notas e temas”, diz Vielliard. Isso torna possível, em teoria, identificar uma jubarte brasileira entre as que se reproduzem na costa da África. Segundo o zoólogo, uma característica distingue as jubartes dos outros animais – os seres humanos inclusive. Quando um indivíduo se une a um novo grupo, os membros do grupo passam a imitar as novidades da canção estrangeira, como se os norte-americanos aprendessem a língua de um visitante brasileiro. Essa característica talvez influencie na escolha do seu parceiro pelas fêmeas, que selecionariam os machos com maior capacidade de aprender e inovar, sugerem os pesquisadores. •

Células polivalentes

Capazes de originar diferentes tipos de tecido, as células-tronco vêm se mostrando uma alternativa possível para tratar a insuficiência cardíaca. Testes com 20 pacientes – seis e doze meses após o implante dessas células no coração – revelaram importante melhora na capacidade física, segundo estudo de pesquisadores do Hospital Pró-Cardíaco e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), publicado na *Circulation*. Diante desse resultado e de pesquisas com ani-



Implante cerebral: células ativas, em amarelo à direita

mais, as equipes de Hans Dohmann, do Pró-Cardíaco, e de Radovan Borojevic e Rosália Mendez-Otero, da UFRJ, iniciaram em agosto o implante experimental de células-tronco no cérebro de pessoas com isquemia, a

morte de neurônios por falta de sangue. A primeira paciente foi Maria Pomaceno, de 54 anos. Sete dias após a cirurgia, imagens da área cerebral afetada mostravam metabolismo onde antes não havia atividade. “Não

podemos afirmar que a recuperação se deve às células-tronco, mas não dá para imaginar outro fator”, diz Dohmann, que deve repetir o procedimento em 14 pacientes. A equipe do Pró-Cardíaco também avaliará a eficácia do implante dessas células no coração de 300 pessoas vítimas de infarto agudo. Pesquisadores do Instituto Nacional de Cardiologia Laranjeiras analisarão o uso dessa técnica na insuficiência cardíaca. No Incor, ela será testada na isquemia crônica do coração. •

HANS DOHMANN / PRÓ-CARDÍACO

Contra a hepatite e o HIV

Muitas pessoas infectadas pelo HIV também adquirem o vírus da hepatite C, igualmente transmitido pelo sangue. Mas, com receio de que o tratamento da hepatite prejudique a eficácia dos remédios anti-HIV, em geral os médicos optam por combater apenas o vírus da Aids. Um estudo internacional recente, publicado no *New England Journal of Medicine*, desfaz esse mito e renova a esperança de pessoas contaminadas por ambos os vírus – em um terço dos casos, esses indivíduos são hospitalizados ou morrem por causa da hepatite C, que pode causar cirrose e câncer hepático. Os pesquisadores submeteram 860 pessoas – todas contaminadas com os dois vírus e atendidas em 95 centros de 19 países, inclusive do Instituto de Infectologia Emilio Ribas, em São Paulo – a três tratamen-

Mais um dino brasileiro

Santa Maria, no Rio Grande do Sul, é o que se pode chamar de berço dos dinossauros. Três das mais antigas espécies desses répteis foram achadas ali. Agora paleontólogos do Museu Nacional, no Rio, e da Universidade Federal de Santa Maria descrevem na revista *Zootaxa* uma quarta espécie de dinossauro primitivo, que habitou a

região há 220 milhões de anos: o *Unaysaurus toleninoi*. Com 2,5 metros da cabeça à cauda, o *Unaysaurus* é a 11ª espécie identificada no país e a primeira de um prossaurópode: dinossauro herbívoro com membros anteriores curtos e pescoço e cauda longos. O exemplar brasileiro é mais semelhante ao da Alemanha do que ao da Argentina ou da África, indicação da complexa dispersão desses répteis quando os continentes estavam unidos. •



Unaysaurus: parentesco com dinossauro da Alemanha

ORLANDO GRILLO / MUSEU NACIONAL

tos contra a hepatite. O primeiro grupo tomou interferon alfa-2a e ribavirina. Os outros dois receberam um dos dois esquemas terapêuticos com o interferon alfa-2a peguilado, que permanece ativo mais tempo no organismo: o interferon peguilado puro ou associado à ribavirina – esta última terapia padrão contra a hepatite C. Os participantes foram tratados por um ano e acompanhados por mais seis meses. Durante esse período, 86% deles também tomavam drogas anti-HIV. Resultado: o interferon peguilado – com ribavirina ou puro – foi mais eficiente e eliminou o vírus da hepatite em 40% e 20% dos casos, respectivamente. O interferon comum associado à ribavirina funcionou para 12% dos pacientes. O tratamento não interferiu na ação dos remédios que combatem o vírus da Aids. •